

**NOVAS TECNOLOGIAS
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Wellington Nascimento Alves (UEMS)
wellingtonnascimentoalves@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo é um trabalho voltado para a inclusão das novas tecnologias na sala de aula das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é uma modalidade de ensino que visa oferecer o ensino médio e fundamental para pessoas que não tiveram oportunidade de concluir o ensino na idade apropriada. Muitos autores tratam do tema tecnologias na educação, mas são poucos os que falam desta tecnologia voltada para a educação de adultos. Este trabalho traz um pouco dos benefícios e também os malefícios que podem trazer a não inserção desses migrantes digitais, neste “mundo”. (IRELAND, 2009)

Palavras-chave: Novas tecnologias. Educação de Jovens e Adultos. EJA

1. Introdução

As novas tecnologias estão presentes em nosso dia-a-dia. Nossas atividades cotidianas ficaram fáceis com o auxílio das tecnologias, efetuar o pagamento de um boleto bancário é um exemplo, não precisa mais enfrentar filas, apenas com um celular e um aplicativo se faz isso.

Na educação houve também a incorporação dessas novas tecnologias, no início eram criadas as salas de tecnologias, locais que eram trancadas a setes chaves, pois precisavam de seguranças. Mas poucos professores se arriscavam por este “mundo”, poucos tinham um conhecimento básico para utilização destes mecanismos tecnológicos.

Portanto, com o avanço dessas tecnologias, a maneira de dar aula mudou, o professor passou de detentor do conhecimento para mediador, por isso, o professor precisa ter um domínio desta nova ferramenta, saber utilizar, instigar pesquisas com o auxílio de computadores, smartphones e etc. não só no ensino regular, mas também no ensino de jovens e adultos.

2. Educação de jovens adultos (EJA): objetivos gerais

A educação de jovens e adultos é uma modalidade em que oferece

o ensino fundamental e médio, para aqueles que não tiveram oportunidade de completar os estudos na idade correta.

Na Constituição Federal de 1988, no art. 208, cita que é garantida a educação básica para todos entre 4 (quatro) e 17 (dezesete) anos, e também para aqueles que não a obtiveram em idade própria. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), também criou diretrizes curriculares para atender os interesses dessas pessoas que queriam voltar para sala de aula, mas já possuíam determinada experiência de vida.

Segundo a RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000 Parágrafo único: Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II - quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica.

O ensino da EJA pode ter o oferecimento anualmente, assim como o ensino regular, mas suas abordagens e funcionalidades são diferenciadas, pois, são pessoas em que já possuem uma bagagem cultural e de vida grande, o professor precisa saber conciliar essas experiências com o conteúdo ministrado, precisa de uma atenção e uma paciência maior.

3. *Novas tecnologias voltadas a educação de jovens e adultos*

Segundo José Manuel Moran (2001, p. 02) educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade, são feitas apenas adaptações. As novas tecnologias é uma ferramenta excelente para adquirir conhecimento, quando usada para esta finalidade, mas muitos dos usuários deste meio não possuem direcionamento correto. Os professores precisam ser mediadores e também os orientadores

para a aquisição de conhecimento envolvendo as tecnologias, os computadores, os smartphones são ferramentas que podem ser usadas para finalidade educativa.

Mas muitos educadores, professores, pedagogos e etc. falando dos dias atuais, possuem certo receio de sair da sua zona de conforto, possuem certo medo de explorar outros campos além da sala que temos, falando de um contexto geral, mas focando na educação de jovens e adultos (EJA) é totalmente diferente, alunos não possuem noção nenhuma do que seja um blog, um site, são pessoas que nasceram em épocas que não se tinha este desenvolvimento tecnológico tão avançado, são os chamados Migrantes Digitais. Busca nas escolas o conhecimento necessário, mas não encontra. Não possui projetos desenvolvidos para inserção destes alunos no “mundo digital” e professores com coragem de sair das salas e levarem outros conhecimentos para seus alunos. O que acontece na EJA é professores que não possuem um preparo específico para este alunado, tentam arriscar a trabalhar com estes alunos da mesma forma que se faz com os alunos regulares, e também as universidades que oferecem as licenciaturas, não possuem nas suas grades matérias específicas para quem for atuar nestas áreas.

Sobre este assunto Timothy Ireland lembra que

Obviamente existem os que são muitos bons. Na maioria dos casos, os educadores desse público são improvisados e não têm preparo específico para atender esse público. Há formas diferenciadas de trabalhar com EJA e menos de 2% dos cursos de pedagogia oferecem formação específica para esse fim. (IRELAND, 2009, p. 59)

Temos que tirar a ideia de que EJA é só alfabetizar, pois o nosso mercado de trabalho exige muito mais dos seus trabalhadores, apenas ler e escrever não basta, precisam ter um conhecimento básico do mundo digital, precisam ir além. Segundo Timothy Ireland (2009, p. 59) “A Alfabetização é uma parte fundamental, mas não é a única”, pois formamos cidadãos, pessoas críticas para atuarem na sociedade.

Devemos criar projetos em que beneficiam estes alunos, com um trabalho interdisciplinar, envolvendo não só a escola, mas órgãos em que ofereçam cursos profissionalizantes.

4. *Objetivos específicos: contribuições da inclusão digital na EJA*

Quando falamos de inclusão digital para educação de jovens e

adultos, citamos a parte humanística do ser, ou seja, a sua independência e também um caráter investigativo, a busca pelo conhecimento. Com a incorporação das novas tecnologias no cotidiano escolar promove facilidades na vida cotidiana, traz uma liberdade maior para a pessoa, seu grau de dependência minimiza.

Segundo Carina Gabriela Lion (1997, p. 31) “a tecnologia faz parte do acervo cultural de um povo”, então precisa ser ministrado nas aulas. Os alunos precisam ter uma orientação da sua utilização. Na sociedade modernizada em que vivemos, não podemos ignorar o uso do recurso tecnológico no processo de ensino aprendizagem sob pena de oferecermos uma formação limitada, desfalcada para nossos adultos, desprezando conhecimentos necessários para o exercício de sua cidadania.

Além disso, o fato de não ter acesso as tecnologias, implica em colocar barreiras, discriminações e acaba desenvolvendo uma dependência de outras pessoas que detém este conhecimento.

Desenvolver políticas públicas que ofereçam o acesso a este tipo de conhecimento é contribuir para a redução da desigualdade, a desigualdade de conhecimento, e a facilitação ao acesso a informação e os caminhos do conhecimento.

Segundo o Parecer nº 11/2000 “cita que a EJA deve ser oferecida de maneira que o aluno atinja um patamar igual aos seus pares que tiveram acesso na idade regular”. E para que o aluno chegue ao patamar que a resolução cita precisará de todos os estímulos possíveis, que possa desenvolver as suas habilidades, inclusive na parte tecnológica.

Magda Soares (2004, p. 14) cita que o desenvolvimento precisa ser “para além da aprendizagem básica, das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da língua escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” é fundamental que o aluno da EJA tenha este contato com as novas tecnologias.

O mercado de trabalho exige que seus candidatos tenham um conhecimento, pelo menos, básico das novas tecnologias, mas a distribuição às escolas é precária e os profissionais são despreparados. As expectativas quanto à formação de que é idealizada e a real são contraditórias do ponto de vista das políticas educacionais, espera da escola algo que ela não consegue resolver, por não ter condições materiais e humanas.

Portanto, uma aprendizagem que ignora o uso de recursos tecnológicos, como são a maiorias dos currículos das escolas que oferecem

EJA, não contribuem para reflexão e transformação de ações dos indivíduos, mas apenas para uma compreensão parcial dos processos que compõem uma sociedade. Paulo Freire (1976, p. 90) afirma que a aprendizagem do aluno da EJA precisa ter um sentido amplo de forma que o indivíduo possa “ler o mundo e, ao lê-lo transformá-lo” e como um aluno que não teve acesso as tecnologias poderá fazer uma leitura de mundo, sem conhecer as facetas digitais. O desconhecimento limita a utilização e a sua participação na transformação social.

5. Considerações finais

O estudo encontra-se em processo de formação, mas já podemos constatar que não há uma política que propicie a inclusão das novas tecnologias nas salas de EJA. Esta interação entre adultos e tecnologias está totalmente depende de recursos exclusivos para esta finalidade. Ações de políticas educacionais encontram-se omissas nas proposições em que podem tornar a formação dessas pessoas mais amplas, mais completas para as funções sociais.

Os usos das tecnologias ficam a critérios do professor, que não possui, muitas das vezes, o conhecimento mínimo necessário para esta função. Existem algumas iniciativas em que tentam aproximar os alunos da EJA com as novas tecnologias, mas estes projetos ainda são optativos e não uma regra com varias outras. Estas inclusões são tratadas como privilégios, apenas pouca parte da população escolar tem acesso e as escolas que propõem formar pessoas fora da idade regular, não tem tratado este tema com a eficiência que é exigida.

Assim quando nos propomos a trabalhar com EJA devemos ter em mente, que nossas metodologias, conceitos serão todos alterados, e que a inserção das novas tecnologias é fundamental para desenvolver a cidadania daqueles que não atingiram a escolaridade no tempo regular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>.

BRASIL. Palácio do Planalto. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>.

Acesso em 04/10/2016

_____. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CEB, n. 1, de 5 de julho de 2000*. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>> Acesso em:

04-10-2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. _____. *A educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IRELAND, Timothy. A EJA agora tem objetivos maiores que a alfabetização. Entrevista com Paula Sato. Pará, maio, 2009. Disponível em:

<<http://acervo.novaescola.org.br/politicas-publicas/modalidades/eja-tem-agora-objetivos-maiores-alfabetizacao-476424.shtml>>.

LION, Carina Gabriela. Mitos e Realidades na tecnologia educacional. In.: LITWIN, Edith. (Org.). *Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas*. Trad.: E. ROSA. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 23-36.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Massão. *Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001*. 2. Ed. São Paulo: Global, 2004.